

## O AMADURECIMENTO EMOCIONAL E O FALSO SELF: Discutindo a Auto Exposição nas Redes Sociais

**Regi Moraes Pereira**

Graduanda em Psicologia,  
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

**André Masao Peres Tokuda**

Mestre em Psicologia – UNESP;  
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

### RESUMO

No presente estudo, nos propusemos a discutir como estão sendo utilizadas as redes sociais. O ingresso nestas, passou a ter grande influência na exposição e promoção de si, além de ser um meio facilitador da construção de novas subjetividades, que se dão por meio das múltiplas identidades que o(a)s usuários(a)s constroem e projetam nesses meios. Para tal discussão utilizou-se da teoria de Donald Woods Winnicott sobre o amadurecimento emocional e a construção do falso *self*, no qual tal conceito se relaciona à ideia da busca em mostrar apenas o que é socialmente aceito, desta maneira o indivíduo passa a se comportar de maneira adaptativa às reações do meio, sendo aquilo que esperam dele, deixando às vezes de experimentar a sua vida verdadeiramente. Mediante a esses aspectos, as redes sociais, de certa forma, sustentam a permanência do falso *self*, iniciando uma simulação do real na ficção, onde o(a) usuário(a) possui o papel de destaque na viabilização da formação de novos relacionamentos baseados naquilo que os grupos e outros indivíduos possuem em comum com a sua nova identidade em vista disso, fora do universo virtual esse indivíduo pode possuir uma dificuldade de se relacionar e assim preferir estar onde possui um papel destaque, nesse caso, nas redes sociais, onde é aceito e reconhecido por todos.

**PALAVRAS-CHAVE:** redes sociais; falso *self*; amadurecimento emocional; Winnicott.

### INTRODUÇÃO

A imagem que o indivíduo projeta para a formação de suas relações é um dos pré requisitos para ser reconhecido e aceito por outros. Ante o exposto, o objetivo deste trabalho foi discutir a maneira como o(a)s usuários(a)s das redes sociais vêm fazendo uso desses meios para expor sua imagem. A problemática de pesquisa se resume na seguinte indagação: por que muitas pessoas são levadas a publicarem/compartilharem a autoimagem nas redes sociais? E decorrente desta questão nota-se que o crescente avanço da tecnologia nos últimos anos trouxe grandes modificações no nosso modo de viver, desde a maneira como se recebe novas informações até a um novo método de se relacionar com outras pessoas. Estando perto ou em qualquer parte do mundo, isso acontece devido às redes

sociais, que são sistemas que integram grupos de pessoas com os mesmo gostos e interesses a fim de estabelecerem vínculos afetivos.

As redes sociais nos trazem inúmeras possibilidades de estudos: o prisma analisado para este trabalho é a identificação dessas redes como meio facilitador para a projeção da autoimagem e autopromoção do(a)s seus(suas) usuário(a)s, buscando a fundamentação dessa temática na teoria Winnicottiana do falso *self*.

De início procurou-se abordar todos os conceitos envolvidos da teoria do Amadurecimento Emocional/Pessoal de Winnicott, como fonte de embasamento para a temática central da exposição da autoimagem nas redes sociais, a fim de entender a maneira como ocorre o amadurecimento do sujeito diante do meio em que vive para que, dessa forma, pudesse se analisar possíveis conceitos da teoria que elucidem o fato de se expor dentro dos variados sistemas do ciberespaço e o responsável por sua formação.

Logo em seguida, pode-se compreender minuciosamente o conceito da teoria que melhor se encaixa para a explicação da maneira como o indivíduo vem fazendo uso das redes sociais. É por meio do conceito de falso *self* que o ser se expõe de uma forma irreal, ou seja, sendo aquilo que a sociedade impõe que seja, e não aquilo que realmente é, podendo ser encontrado em diversos níveis, desde o normal até o patológico. Por fim, a conciliação desse conceito da teoria winnicottiana com as redes sociais aparece como fechamento dessa pesquisa, pois muitas pessoas acabam utilizando as redes sociais para autopromoção e autoexposição, muito devido à necessidade de aprovação do meio social, o que acaba indo de encontro ao conceito que Winnicott denominou de falso *self*, ou seja, um mecanismo de defesa de algumas pessoas para proteger o verdadeiro *self*; uma forma de deixar a mostra somente o que é socialmente aceito e esperado. O(a)s usuário(a)s das redes sociais buscam uma adaptação ao meio social e, para que isso seja alcançado, podem acabar se tornando seres fora de suas originalidades.

Viver fora da realidade nos dias atuais é muito fácil, pois estamos constantemente conectados dentro de uma realidade virtual que disponibiliza inúmeras alternativas de se criar e modelar uma personalidade e uma imagem de acordo com o que se deseja e com os padrões que o meio impõe para ser aceito e reconhecido dentro das redes sociais e que são considerados meios atrativos para

aqueles que buscam refúgio dos sofrimentos causados pelas exigências de como se viver no mundo real.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada por meio de outros trabalhos desenvolvidos e que estejam afins aos objetivos propostos. Foram levantados artigos científicos que tangem o universo das redes sociais, mediante em base de dados como: Scielo, BVSPSI, PEPSIC e repositório da UNESP. Para a realização da presente pesquisa foram utilizados materiais bibliográficos de consagrados autores, isto porque a presente pesquisa foi elaborada por meio de materiais já publicados, sendo eles livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet de bibliografias específicas.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização das redes sociais trouxe ao(a)s usuários(a)s inúmeras possibilidades para se relacionarem, interagirem e exporem a público os seus gostos, preferências e uma identidade pessoal, sendo si mesmo ou desfrutando da possibilidade que esses meios oferecem de se mostrarem como acharem conveniente, ou seja, construir uma identidade para fazerem parte de determinados grupos que dividem os mesmos interesses.

A teoria do Amadurecimento Emocional/Pessoal Winnicott nos traz o conceito de verdadeiro e falso *self* como uma justificativa para a construção de uma identidade que tem como objetivo a aceitação e reconhecimento do meio e assim preservar o indivíduo do sofrimento por estar fora dos padrões de determinados grupos. O falso *self* atua da mesma forma, mostrando somente aquilo que é socialmente aceito, para proteger o verdadeiro *self* de ameaças de um ambiente que não foi suficientemente bom. O bom desenvolvimento do indivíduo ocorrerá somente por intermédio de um ambiente que supra as suas necessidades e auxilie na formação do seu verdadeiro *self*.

No decorrer de algumas reformulações na psicanálise, Winnicott desenvolveu a Teoria do Amadurecimento Emocional/Pessoal, na qual aduz que

cada ser humano é dotado de uma tendência inata para o amadurecimento. Ou seja, ao nascer temos uma predisposição para o desenvolvimento emocional/pessoal desde que tenhamos um ambiente adequado. Esse é um dos princípios da teoria de Winnicott (1971/2005), para o qual o bebê só consegue ter acesso à essa tendência para o amadurecimento se estiver inserido em um ambiente que proporcione condições suficientemente boas para que isso ocorra de forma saudável. Caso o ambiente não proporcione circunstâncias suficientemente boas, poderá ocorrer o adoecimento do ser.

O ambiente suficientemente bom é aquele que supre as necessidades do bebê: é formado por meio da mãe, ou daquele(a) que tem a função do cuidar do bebê e que exerce a função da maternagem. Esse(a) cuidador(a), nos primeiros meses de vida da criança deve ser devotado e estar em sintonia com a criança para conseguir suprir as necessidades dela. Segundo Winnicott (1971/2005), apenas uma mãe suficientemente boa é capaz de estimular o desenvolvimento da criança, pois esta consegue se conectar com o(a) seu(sua) filho(a) por meio do ego, tornando-se assim unos, o que permite que consiga dar apoio como ego auxiliar do(a) seu(sua) filho(a), sabendo as reais necessidades do bebê e assegurando o seu desenvolvimento. De acordo com Winnicott (1971/2005), essa conexão, quando bem estabelecida, fortalece o ego da criança, sendo capaz de organizar suas defesas e mais rapidamente tornar-se verdadeiro.

Durante a fase de gestação, para Winnicott (1988/2006) a mãe desenvolve uma função intitulada por ele de “preocupação materna primária”. Em um período que antecede o nascimento do bebê a mãe estabelece uma identificação com este, sendo capaz de saber exatamente as necessidades básicas do início da vida da criança. Pessoas que adotam uma criança também conseguem desenvolver essa preocupação, pois todo o processo que passam acaba tornando-se semelhante a uma gestação.

De acordo com Rosa (2009), no início o pai não é visto como um terceiro, pois nessa relação o bebê só reconhece os cuidados oriundos da mãe. O colo do pai não vai ser visto como um colo diferente, mas como uma extensão do colo da mãe, passando a atuar nessa relação como uma mãe substituta. Para que isso ocorra, o bebê deve conquistar um amadurecimento que o leve a ter uma identidade unitária. A presença do pai no amadurecimento é importante para que a criança seja

conduzida dentro de uma família, sendo composta por pessoas reais que lhe fornecem cuidados reais.

O ambiente suficientemente bom é de extrema importância no início da vida do bebê. A maturação do bebê passa por algumas fases, sendo elas de dependência absoluta da mãe que supre suas necessidades, passando pela dependência relativa e rumando à independência, abordaremos cada uma dessas separadamente. No entanto, vale ressaltar que as mesmas podem não acontecer de forma separada e mesmo após a passagem para outra fase a criança pode regredir, caso o ambiente não continue sendo seguro ou por causa de doenças.

De acordo com Winnicott (1988/2006), as mães antes do nascimento de seus(suas) filhos(a)s conseguem prever e se adaptar as necessidades de seu bebê, que só podem ser supridas de uma melhor maneira por ela própria, que se dedica exclusivamente aos cuidados dele(a) no início de sua vida quanto mais à mãe compreende essas necessidades, melhor se dá o desenvolvimento. É nessa fase que os bebês são afetados por tudo que acontece ao seu redor, e por esse motivo a dependência se torna absoluta. O bebê desconhece esse estado de dependência absoluta, pois acha que ele e o meio são uma coisa só, ou seja, que ele e a mãe são uma unidade, uma díade.

De acordo com Rosa (2009), na fase da dependência absoluta o pai não atua na função paterna propriamente e nem lida diretamente com a criança. Ele possui duas importantes funções, a primeira é de atuar como uma mãe substituta, de uma forma muito eficaz, utilizando as lembranças dos cuidados que um dia recebeu quando bebê. A segunda é de proteger e cuidar da mãe e do bebê, possibilitando que a mesma desenvolva sem interferências externas seu estado de “preocupação materna primária”, gerando assim um ambiente bom e seguro.

Na dependência relativa, Winnicott (1983/2007) descreve que o bebê já consegue se diferenciar da mãe e se torna ciente dos detalhes dos cuidados que a mesma oferece, guardando tudo em sua memória, começa a perceber a sua dependência. Nesse momento o latente não espera mais que a mãe se dedique exclusivamente a ele e que esta preveja suas necessidades e as satisfaça, pois já consegue dar sinais para chamar a sua atenção. O ambiente em que está inserido começa a demonstrar falhas e o bebê precisa se adaptar a elas para continuar seu desenvolvimento.

De acordo com Rosa (2009), na dependência relativa o bebê começa a relacionar que alguns cuidados da mãe se assemelham aos do pai, somente com uma maturidade suficiente o bebê começará a relacionar esses cuidados à figura masculina do pai. O mesmo adiciona a função de auxiliar a volta da mãe para exercer o seu papel de esposa e retomar a vida que possuía antes do nascimento do bebê, pois na fase de dependência absoluta poderia ser difícil para ela ser tanto mãe dedicada e esposa. É através desse auxílio que o pai fornece que a mãe inicia a separação com o bebê e o deixa caminhar rumo à independência.

Para Abram (1996), o bebê consegue transmitir para a mãe que não é mais necessário que ela possua a preocupação materna primária, para que assim ela comece a buscar seu sentimento de *self* e desadaptar-se do seu bebê, permitindo que ele comece a pensar por conta própria. A partir do momento em que bebê consegue se ver separado da mãe passa a se apresentar por conta própria ao mundo, atingindo um estágio importante em seu desenvolvimento.

A chegada à independência nunca é absoluta, pois o bebê sempre vai possuir uma necessidade do ambiente. Esse estado se inicia por meio das memórias que a criança carrega dos cuidados que a mãe lhe ofereceu durante as fases anteriores, permitindo que a criança mantenha os cuidados sem a presença da mãe e estabeleça uma confiança no ambiente em que está inserida.

Ao passar por essas fases de dependência até a independência, o bebê necessita que a mãe suficientemente boa lhe forneça algumas funções. Uma delas é o *holding*, que Winnicott (1971/2005) cita como a capacidade da mãe de se identificar com seu bebê e o proteger de ameaças físicas, lhe proporcionando uma sustentação não somente corporal, mas também psíquica. Basicamente, para Winnicott (1988/2006) essa função é o ato de a mãe segurar seu bebê no colo transmitindo para ele confiança no ambiente em que vive, para que assim consiga passar com satisfação as fases de seu desenvolvimento. O *holding* é visto como uma forma de a mãe passar o seu amor para o filho quando o segura no colo.

Todo esse suporte oferecido ao bebê pela mãe através do *holding* está ligado ao manejo, ou *handling*, que para Winnicott (1971/2005) é o segurar total do bebê, porém voltado mais ao aspecto físico, no qual a mãe passa experiências de caráter sensoriais, como um abraço vivo, que tem temperatura e ritmo, ou seja, fazer o bebê sentir tanto o corpo da mãe como o seu próprio corpo, para que isso ocorra à

mãe tem que ser capaz de se envolver emocionalmente com o seu corpo, reunindo-o nos braços e no olhar.

O ambiente suficientemente bom, criado pela mãe, propicia o início do processo de integração no bebê. Esse estado só se produz por meio da não-integração, uma vez que, segundo Winnicott (1971/2005), a criança dentro do útero ainda não é uma unidade, pois não possui um ego, sendo assim não tem consciência e nem noção de tempo e espaço e não consegue diferenciar que ela é diferente do mundo que a rodeia

Para Winnicott (1983/2007), a integração é uma tendência que se inicia logo após o nascimento com as experiências pessoais, sendo emocionais ou afetivas, e faz parte do processo de maturação da criança, isto tudo tende ao estabelecimento de um *self* unitário, ou seja, a criança começa a dar início a sua personalidade existencial.

O processo de desenvolvimento da personalidade se inicia na tendência a integração, no qual o bebê é capaz de diferenciar o “eu” do “não-eu”. De acordo com Winnicott (1988/1990), o “eu” vem a ser tudo aquilo que ele realmente é, e o “não-eu” tudo aquilo que existe fora dele. A criança estabelece em sua própria mente a sua existência, a sua identidade. Com o avanço da maturação do bebê, seus cuidadores fazem com o mesmo repudie o seu não-eu, deixando que se construa apenas o eu. Para Winnicott (1988/1990), o eu se constitui através de conteúdos instintivos, desenvolvendo uma independência dos conteúdos que estão fora, surgindo em primeira instância um sentido para o termo “relacionamento”, seja entre outras pessoas ou entre o eu e o objeto.

Segundo Winnicott (1988/2006), é através da constituição do *self*, ou o eu, que se origina a consciência, tornando possível absorver e guardar lembranças dos cuidados que a mãe forneceu a criança, para que assim possa cuidar de si mesma. Esse estado passa a ser mais confiável, diminuindo a dependência existente entre a criança e o seu(sua) cuidador(a).

Winnicott descreve que o *self* não é o ego, mas aquilo que se vai construindo através do processo de maturação. O *self* traz ao indivíduo uma sensação de ação e vida no seu processo de crescimento, passando da dependência e imaturidade para a independência e capacidade de se identificar com os objetos do mundo externo (FILHO, 2003).

Para Fulgencio (2014), o *self* pode ser posto como um termo descritivo que vem para esclarecer as experiências do indivíduo com o mundo, já o ego é um termo teórico que visa todas as experiências agrupadas em uma unidade pessoal do indivíduo. A união dessas experiências do *self* constitui a fase da criança conhecida como o “eu sou”. De acordo com Abram (1996, p.221) “o *self* é composto por todos os diferentes aspectos da personalidade que, na terminologia de Winnicott, constituem o eu, uma forma distinta do não-eu, de cada pessoa. A palavra *self* por conseguinte, representa um sentimento de ser subjetivo”.

A formação do *self* unitário através do amadurecimento do ego e do processo de integração constitui a existência de dois *sel/ves*, descritos por Winnicott (1983/2007) como o verdadeiro *self*, que exerce a função de sentir-se real, porém não pode ser afetado pela realidade externa, ele começa a ter vida por meio da mãe que fornece o desejo de onipotência do bebê; e o falso *self* tem um função de defesa, de proteção ao verdadeiro *self*, vem a ser a atitude social do indivíduo, que pode em alguns casos substituir o *self* real, ele se constitui através da incapacidade da mãe transmitir os cuidados necessários ao seu bebê.

O amadurecimento do ser pode ser prejudicado a partir do momento em que a mãe falha ao suprir as necessidades do seu bebê, esse processo ocorre justamente quando o indivíduo se reconhece como si mesmo. A mãe que falha, obriga seu bebê a se adaptar, surgindo o falso *self*, que possui a função de substituir a função materna que falhou e proteger o verdadeiro *self* para que possa ter condições de se desenvolver em meio a essas falhas no cuidado (GALVÁN; MORAES, 2009).

Para Winnicott (1971/2005), quando a mãe não é capaz de ser suficientemente boa, a criança pode apresentar reações diversas quando se sentir violada, desse modo o verdadeiro *self* não conseguirá completar sua formação e será protegido pelo falso *self* para não ser atingido pelas ameaças do mundo.

A participação da mãe é de suma importância na formação dos *sel/ves* da criança, podendo se apresentar por meio de dois extremos, que para Winnicott (1983/2007, p. 133) são:

A mãe suficientemente boa alimenta a onipotência do lactante e até certo ponto vê sentido nisso. E o faz repetidamente. Um *self* verdadeiro começa a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactante pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactante. A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a

onipotência do lactante, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactante; ao invés ela substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactante. Essa submissão por parte do lactante é o estágio inicial do falso *self*, e resulta da incapacidade da mãe de sentir as necessidades do lactante.

Para Naffah Neto (2010), o falso *self* pode possuir aspectos saudáveis que se une com o verdadeiro *self* para que o indivíduo consiga, de certa forma, estar bem apresentado na sociedade. A versão patológica do falso *self* se constitui para proteger o ser de agonias impensáveis, que só conseguem se formar por meio de um ambiente que não foi suficientemente bom, deixando ser invadido, sendo assim o verdadeiro *self* só se mantém afastado das condições traumáticas do meio através do falso *self*.

Para Winnicott (1983/2007), quando o indivíduo coloca o falso *self* como real, começa a se mostrar fútil e desesperado, podendo tornar esse *self* real com grande facilidade ou por engano, quando o verdadeiro *self* está sendo ameaçado.

O falso *self* pode ser visto através de vários níveis, aquele não patológico que garante ao indivíduo um convívio social adequado em conjunto com o verdadeiro *self*; aquele que se mostra submisso, patológico, que oculta o verdadeiro *self* e se torna real; e aquele de grau extremo, que faz com o indivíduo se sinta vazio, com uma vida sem sentido, sem razões aparentes para viver; e aquele menos extremo que regride nas dificuldades encontradas nos primeiros estágios de desenvolvimento e de certa forma consegue encontrar algo proveitoso para si (WINNICOTT, 1988/2006).

Os conceitos dos *selves* não devem ser apresentados com significados de “certo” ou “errado”, mas como duas formas diferentes de ser o eu mesmo. Os dois surgem de maneira natural no desenvolvimento maturacional do bebê. A função de proteção do falso *self* com o verdadeiro *self* deixa transparecer somente aquilo que vem a ser socialmente aceito, para não ser atingido pelas condições traumáticas vindas do meio.

#### 4 DISCUSSÃO

Diferente do que se imagina, o conceito de redes sociais deu-se início muito antes do surgimento da internet, por meio das reuniões de grupo de pessoas a fim de compartilharem as semelhanças entre seus gostos e interesses, suprimindo dessa

maneira a necessidade de criar laços sociais conduzidos por esses aspectos semelhantes. Segundo Ferreira (2011), o termo rede vem do latim *rete*, podendo ter inúmeros significados, desde uma espécie de tecido que se forma por entrelaçamento de fios; um conjunto de vias férreas, rodoviárias ou áreas; sistemas de informação; e até mesmo conjunto de pessoas que se relacionam entre si. De acordo com Sotero (2009, p.2) as redes sociais existem há muitos anos e vêm se modificando com o tempo:

As redes sociais existem desde sempre na história humana, tendo em vista que os homens, por sua característica gregária, estabelecem relações entre si formando comunidades ou redes de relacionamentos presenciais. Hoje, por meio da internet, estamos transcrevendo nossas relações presenciais no mundo virtual de forma que aquilo que antes estava restrito a nossa memória agora está registrado e publicado.

As redes sociais podem ser constituídas através de dois elementos: os atores, sendo as pessoas e instituições ou grupos, também denominados como os nós da rede, aqueles que fazem parte da rede e as conexões, que são as interações ou laços sociais construídos por meio dos atores. A rede tem como foco a estrutura social, visando primeiramente seus atores e suas conexões, além dos diversos padrões que os atores estabelecem com em suas conexões. Então se entende que a rede social tem como função unir em conjunto indivíduos motivados através de suas afinidades sociais e profissionais, cooperação, objetivos e interesses em comum (RECUERO, 2009).

As redes sociais digitais seguem alguns dos mesmos parâmetros de definição de uma rede social de relacionamento presencial. Para Ferreira (2011), somente no início do século que as redes sociais passaram a ser ligadas a tecnologias de informação as tornando mais evidenciadas, porém muitas redes sociais ainda se mantêm fora do âmbito tecnológico. Seguindo essa ideia, os autores Madeira e Gallucci (2009) colocam que no início dos anos 90 a internet tinha uma única função: ser a mediadora da troca de informações entre universidades de pesquisa norte-americanas. Somente no ano de 1995 que a internet se popularizou chegando até indivíduos e empresas. Em pouco tempo atingiu um grande número de usuários (chegando a 3,2 bilhões de pessoas em todo o mundo<sup>1</sup>), se tornando um grande meio de comunicação no mundo todo, tendo em vista uma ampliação na

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://fbnewsroomus.files.wordpress.com/2016/02/state-of-connectivity-2015-2016-02-21-final.pdf>>. Acessado em: 25 out 2016.

rede de contatos dos internautas para acompanhar todo esse avanço. Esse sistema de comunicação global foi definido por Castells (2005, p.20) como:

Uma sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal. É um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria. As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede.

Segundo Mata (2012), ao fazer um comparativo das redes sociais com as demais mídias existentes, o número de usuário(a)s é extremamente baixo em relação a elas. Para atingir uma margem de 50 milhões de usuário(a)s o rádio precisou trinta e oito anos e a TV de treze anos para conseguir alcançar essa meta, já a internet com cerca de quatro anos após sua criação conseguiu atingir este mesmo número, entretanto uma das redes sociais mais conhecidas no mundo, o Facebook, atingiu a meta de cerca de 200 milhões de usuário(a)s no seu primeiro ano de criação.

Para Cassiano (2011), as redes sociais nos proporcionam um vasto acervo de informações de todos os períodos e que podem ser alcançadas de maneira instantânea. Pode se dizer que a sua popularidade é maior do que as antigas, como o rádio e a TV, pois sua organização e constante inovação provêm daqueles que a usam, ou seja, a maneira de utilização é moldada pelos seus usuários. De acordo com Santana *et al.* (2009), pode-se afirmar que atualmente existem mais de cento e setenta sistemas de redes sociais na internet e que o número de acessos nessas redes cresce cerca de 25% ao ano.

O principal motivo das redes sociais fazerem tanto sucesso no mundo todo é a forma diversificada que se pode acessá-las, pela liberdade de expressão e pelos conteúdos existentes em cada uma. O fato de não estar cara a cara faz com que os usuários exponham mais seus sentimentos e opiniões. Sendo assim, as redes sociais trazem certa flexibilidade de comunicação e de relacionamento com outras pessoas (CIRIBELI; PAIVA, 2011).

Com enfoque nas possibilidades que a internet proporciona Calazans e Lima (2013), comentam que esse meio ofereceu aos seus usuários uma comunicação

liberal, usando suas próprias vozes para atingir outros milhões de pessoas. Dessa maneira, a internet não é considerada um veículo que leva informação de pouco para muitos, mas sim um meio de muitos para muitos.

Segundo Calazans e Lima (2013), as redes sociais digitais unem várias pessoas, sendo elas de qualquer localidade do planeta, podendo se interagir através de sentimentos, interesses e trocarem experiências como na vida real. Dessa maneira, conseguem manterem-se próximos intelectualmente e emocionalmente ao invés de fisicamente.

Com base nos estudos de Magalhães (2010), se observa que os adolescentes têm predominância no uso das redes sociais, porém as outras faixas etárias não estão fora da utilização desses meios, como jovens adultos que acabaram de sair da adolescência. O período de nascimento desses indivíduos contribui para a sua noção tecnológica, pois já nasceram fazendo parte da era da informação virtual. A falta de experiência e a imaturidade são fatores primordiais para a constante modificação de identidade e o processo corriqueiro de construção da mesma.

Segundo Martins (2010), independentemente se a exposição da identidade é virtual ou real, cada um se expressa de uma determinada maneira e sofre com as alterações do tempo e do ambiente em que está inserido. A construção da identidade se dá pela convivência com outros indivíduos, agregando para si elementos que mais lhe agrada para a formação de sua personificação, e assim a imagem vai se moldando através do ambiente e das situações que ocorrem. A identidade criada reflete na aparência e no comportamento desses indivíduos.

De acordo com Sakomoto e Souza (2012), com a chegada da internet e conseqüentemente das redes sociais o indivíduo passou a sofrer grandes influências em sua formação. A sua identidade passou a ter novas bases e a forma como mantém suas relações interpessoais se modificou, pois dentro desses meios não existem barreiras que impeçam a maneira de como desejam se expressar adotando novas crenças, valores e hábitos.

A maior parte das redes sociais oferece aos seus usuários a criação de um perfil ao seu gosto, ou seja, as informações ali contidas não precisam condizer necessariamente com os dados fidedignos desses indivíduos, proporcionando a construção de uma nova identidade, ou até mesmo a utilização de perfis totalmente

falsos. As atividades realizadas, em grande parte delas, são de debate em fóruns, de comunicação por meio de mensagens de textos, *chats* ou postagens públicas, comentar e compartilhar informações do seu desejo, postar fotos cotidianas e entre muitas outras (CARDOSO; LAMY, 2011).

Existe uma distancia entre o indivíduo real e a representação dele nas redes sociais, pois de acordo com Sousa e Braga (2013) o indivíduo “coloca um *self online* apartado de um *offline*. Aquele perfil visualizado não é, por assim dizer, seu verdadeiro eu, ou sua verdadeira identidade, segundo esse modo de perceber a questão”.

Segundo Farias e Monteiro (2012), os perfis construídos nas redes sociais servem como cartão de visita para novas relações e devido ao estabelecimento dessas relações que o usuário se preocupa com a estética do seu perfil, quando mais artefatos usar para aparecer, melhor será. O objetivo central dos indivíduos que se expõe de uma maneira oposta do seu real é para agradar aqueles que visitam seu perfil e assim formar grupos de relacionamento que dividem os mesmos interesses.

Com base no que se entende sobre redes sociais e como os usuários fazem uso das mesmas como ferramenta para a criação de uma nova identidade, ou a construção inicial de sua imagem, de acordo com Knijnik (2011, p.84), pode-se relacionar esse forma de esconder seu verdadeiro eu, ou também chamando de *self* em busca de um *self* ideal, um falso *self*, como um meio para ingressar nas relações com outros usuário(a)s, sendo assim:

Descrever o falso *self*, refere-se a pessoas que desde criança desenvolvem uma forma imperiosa de adaptação e de preenchimento das expectativas da mãe e que isto ocorre para garantir o reconhecimento do amor da mãe. Essas pessoas utilizam esse mesmo recurso inconsciente de adivinhar o que o outro deseja para obter reconhecimento social. Usam a intelectualização e podem alcançar destaque profissional, mas sua construção precoce de um falso *self* faz com que carreguem permanentemente uma desconfortável sensação de futilidade e falsidade, por não conseguirem discriminar o que é o seu rosto e o que é máscara.

A identificação do falso *self* nas redes sociais é visível, pois todos os aspectos da teoria de Winnicott se cruzam com a maneira em que os usuários utilizam esses meios. Para Galván (2013), o falso *self* causa um empobrecimento da personalidade real e um enriquecimento na personalidade mostrada nas redes sociais, sendo assim o indivíduo se mostra ao mundo de uma maneira saudável

imerso na irrealidade, porém seu verdadeiro eu está doente, vazio e sem forças para se mostrar. O falso *self* é nutrido por meio da apresentação ambiciosa e sedutora do indivíduo, que desenvolvem a habilidade de dissimular, fingir e mentir.

Segundo Mello Filho (2003, p.25), viver através de um falso *self* pode trazer grandes frustrações futuras, pois do todo o desejo incontrolável de se parecer como um alguém irreal pode não ser alcançado e nem tão aclamado como o indivíduo almeja, porém as redes sociais são um meio facilitador para que isso ocorra, sendo assim:

A necessidade da pessoa falso-self de agradar e parecer e desta combinação surge o desejo de ser um grande profissional, ter sucesso a qualquer preço e esquecer de todas as carências do passado. Assim, a vida familiar, a cultura, as amizades do passado, tudo fica postergado em função das ambições incontroláveis.

Para Winnicott (1988/2006), “Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade”, o *self* que é evidenciado nas redes sociais traz a mesma sensação imposta na teoria de Winnicott, de irrealidade.

O falso *self* no indivíduo faz com que passe a ter uma aceitação de si para os outros, passando certa segurança na formação de suas relações. Uma das características principais dos indivíduos que sofreram falhas durante o seu processo de amadurecimento é a dificuldade de se relacionar. As redes sociais é uma grande aposta para a formação de relacionamentos com inúmeras pessoas de maneira descomplicada e sem expor verdadeiramente os defeitos que o indivíduo carrega consigo. Esses meios auxiliam no esquecimento da condição real desse indivíduo, vivendo através de uma nova imagem que se altera conforme sua necessidade.

A vida nas redes sociais passa a ser vivida através de uma falsa fachada, permitindo que o indivíduo assuma vários papéis, por sua imensa facilidade e tendência às imitações, identificações e atender às exigências do meio externo. Nos grupos que participa dentro das redes sociais consegue se comportar de maneira sedutora e agradando a todos a sua volta, trazendo para perto todos aqueles que possa manter algum tipo de relação e que não conseguiria manter fora do ciberespaço. Esse indivíduo não é considerado um ser anormal pelos outros, é visto como outra pessoa qualquer. O falso *self* para muitos é uma defesa necessária para a sobrevivência social, porém age com falhas em situações em que se espera que a

pessoa seja ela mesma, pois tudo que precisa para se mostrar como real, criativo e original, permanece oculto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das bibliografias apresentadas nesse trabalho pode-se enaltecer a problemática que enfrentamos com o uso exacerbado das mídias sociais fora do seu contexto inicial, no qual se previa que o(a)s usuário(a)s buscassem informações e outras formas de se relacionar com facilidade, se tornou um meio de fuga da realidade e perda da identidade real para a substituição de uma criada nas redes sociais, a exposição de imagem e a auto promoção de si, para que seu ingresso seja aceito nesses meios.

Pode se dizer que as redes sociais são um veículo formador de felicidade, por meio de suas ferramentas de fácil acesso que permitem a manipulação do eu, pois no mundo real se faz necessário passar por obstáculos que dificultam o acesso da busca pela felicidade, de ser aquilo que realmente é. Passa a ser notório que carregamos um *self* que se encontra preso na tela do computador.

O *self* visto nas telas de computadores pode se desenvolver através das falhas no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, o que pode provocar o que Winnicott (1983/2007) denominou de falso *self*, que seria uma maneira da pessoa se colocar socialmente, no entanto seria uma identidade irreal, único modo encontrado para que seu verdadeiro *self* não fosse destruído e também como consegue viver socialmente. As redes sociais se tornaram um grande palco para a exposição do falso *self*, um meio de fácil acesso, livre e atrativo que promove a autopromoção, buscando a facilidade de se mostrar da maneira que lhe convém.

A dissociação entre a realidade externa e interna pode ser vista como uma patologia no indivíduo, perdendo sua originalidade e passando a viver através de mascaras, como forma de se esconder dos sofrimentos causados pelo meio. As redes sociais vêm somando para a permanência do falso *self*, tornando-o cômodo, pois a vida real na sociedade é causadora de sofrimento para inúmeras pessoas, com seus padrões e regras morais que decidem o que é certo e errado, belo ou não, bom ou ruim, mudando esses aspectos constantemente, que demandam tempo e gastos para serem alcançados, fazendo com que o indivíduo desista daquilo que

acredita. A dedicação constante da construção de um falso eu acaba distanciando o indivíduo pouco a pouco de sua realidade pessoal, alterando seus comportamentos e a maneira como interage com o mundo real. É possível que alguns feitos do sujeito sejam devidos às suas reais capacidades, embora sempre haja uma sensação de falsidade, sendo difícil distinguir o que é falso daquilo que é verdadeiro.

O ser só consegue viver saudável emocionalmente quando passa a se sentir real. Através disso, aqueles que constituíram o falso *self* vivem em um estado de doença, desencadeando crises de identidade, depressões, falta de sentido na vida, baixa autoestima, vícios, agressividade, desânimo e entre outros, passando a ser necessário um auxílio no âmbito terapêutico para a redescoberta do sentido de ser, antes que ocorra a perda da consciência de quem realmente é e que foi feita a criação de um personagem para si. O falso *self* patológico não afeta somente a si mesmo, mas também aqueles que estão ao seu redor, pois o indivíduo passa a se apresentar como um alguém inflexível, cheio de ódio, preconceitos, perfeccionista e sentindo a necessidade de se expor ao ponto de “centro das atenções”. Deste modo, a visão que o sujeito tem de si e a visão que as pessoas que o rodeiam têm dele são diferentes, pois ele se vê como a centralidade de tudo e os outros como um alguém intolerável de se conviver, porém esse é o modo encontrando para a aceitação e reconhecimento que necessita dos usuários das redes sociais, deixando de se importar com o seu modo de viver fora do ambiente virtual.

Considerou-se diante desta pesquisa que as redes sociais são um meio facilitador para que esses indivíduos exponham os diferentes papéis sociais que adquirem conforme as circunstâncias que o meio lhes impõe. O indivíduo não possui mais uma identidade unificada e estável, ele assume várias identidades a fim de conseguir o reconhecimento e ser visto como uma personalidade invejável pela sua forma grandiosa de viver. Busca-se todos os recursos para revelar suas identidades, sua privacidade, sua ânsia de uma comunicação e de uma hipervisibilidade por meio de uma figura falsa, que muitas vezes, passa despercebida aos olhos de muitos.

Poder trazer essa temática dentro dessa pesquisa contribui para uma maior visibilidade da forma como vem sendo exposta a imagem dos usuários das redes sociais, para o meio acadêmico e para os indivíduos que a utilizam por meio do falso *self* ou não. Existe um déficit de materiais que abordem essa temática ligada a uma teoria específica que possa elucidar os motivos desses indivíduos buscarem

esses meios para se exporem, sendo que a busca de respostas dentro de uma base teórica traz mais fidedignidade aos resultados obtidos e uma melhor compreensão. Dentre esses pontos, a realização da pesquisa foi satisfatória, pois se alcançou a solução de todos os objetivos iniciais, nos quais preveem nesses meios a facilidade de se expor da forma que quiser, fazendo dele o mais procurado, o uso de uma nova identidade serve para ser aceito no mundo virtual e colocar em primeiro plano seu falso *self* trás de certa maneira satisfação para vida.

Dentre essa perspectiva, conclui-se que o falso *self* é constituído em um ambiente que falha, sendo aquele que deixa o bebê à mercê dos seus impulsos vitais, estando presente em diferentes aspectos, sejam positivos ou não, influenciarão na maneira que esse sujeito fará uso das redes sociais, como já explicito, elas são agentes facilitadores da exposição de um falso si mesmo e não a provocadora da constituição do falso *self*. Por mais que o sujeito se sinta completo em expor seu falso *self*, sempre haverá uma carência de algo essencial em sua originalidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAM, J. A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Tradução Marcelo Dei Grande da Silva, Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1996.

CASSIANO, A. M. Ativismo a partir das redes sociais. 2011. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/426-1204-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do conhecimento à política. Portugal. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p.20, 2005.

CALAZANS, J. de H. C. e LIMA, C. A. R. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIA E MÍDIA, 9., 2013, Minas Gerais. Anais... Minas Gerais: UFOP, 2013. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-Internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online>>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

CARDOSO, G; LAMY, C. Redes sociais: Comunicação e mudança. JANUS.NET, e-journal of International Relations. Vol. 2, n.1, p 73-96, 2011. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1061445/REDES\\_SOCIAIS\\_COMUNICA%C3%87%C3%83O\\_E\\_MUDAN%C3%87A](http://www.academia.edu/1061445/REDES_SOCIAIS_COMUNICA%C3%87%C3%83O_E_MUDAN%C3%87A)>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

CIRIBELI, J.P; PAIVA, V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, 2011. Disponível em: < <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/509>>. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

FARIAS, L; MONTEIRO, T. A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona. In: EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 19., 2012, Ceará. Anais... 2012. Ceará: UFC, 212. p 1-11. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1497-1.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

FERREIRA, G. C. Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. Revista Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.3, p.208-231, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

FULGENCIO, L. Aspectos diferenciais da noção de ego e de *self* na obra de Winnicott. Revista Estilos Clin., São Paulo, v.19, n. 1, p. 183-198, jan/abr, 2014. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/estic/article/viewFile/81009/84655>>. Acesso em: 31 de agosto de 2016.

GALVAN, G. B; MORAES, M. L. T. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. Aletheia, Canoas, n. 30, p. 50-58, dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141303942009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942009000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 de agosto de 2016.

GALVÁN, G. B. O conceito de falso si-mesmo na teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott. São Paulo, 2013. Disponível em:<<http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/11168/o-conceito-de-verdadeiro-e-falso-si-mesmo-na-teoria-do-amadurecimento-pessoal-de-dw-winnicott-com/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

KNIJNIK, M. Falso self, pseudomaturidade, segunda pele e identificação adesiva: uma revisão sobre os conceitos. Revista Brasileira de Psicoterapia, Porto Alegre/RS, n.13, p.83, 2011. Disponível em: < [http://www.rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=59](http://www.rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=59)>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

MADEIRA, C. G e GALLUCCI, L. Mídias Sociais, Redes Sociais e sua Importância para as Empresas no Início do Século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009 Curitiba. Anais... Curitiba: Escola

Superior de Propaganda e Marketing, 2009. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1163-1.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

MAGALHÃES, D. de C. Construção da identidade em redes sociais: análise do Orkut. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 7., 2010, Goiânia. Anais... Goiânia: UCB, 2010. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0040-1.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

MATA, D. F. O Impacto das Redes Sociais na Sociedade Digital. São Paulo, 2012. Disponível em: < <http://www.fatecsp.br/dti/tcc/tcc00062.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

MELLO FILHO, J. de. Vivendo num país de falsos-selves. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

NAFFAH NETO, A. A problemática do falso self em pacientes de tipo borderline: revisitando Winnicott. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v.41 n.4, p.77-88, dez., 2007. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302010000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200004)>. Acesso em: 31 de agosto de 2016.

RECUERO, R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSA, C.D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. Revista Natureza Humana, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302009000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003)>. Acesso em: 05 de julho 2016.

SANTANA, V. F. *et al.* Redes Sociais Online: Desafios e Possibilidades para o Contexto Brasileiro. Campinas/SP, 2009. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2009/013.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2016.

SAKAMOTO, C. K.; SOUZA, C. F. Internet e subjetividade – Um debate preliminar. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, V. 32, n. 83, p. 294-312, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624915005>>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

SOTERO, F. Futuro da Internet e as Redes Sociais. p.2 , 2009. Disponível em:<<http://www.scribd.com/doc/16465551/Futuro-Da-Internet-e-Redes-Social>> . Acesso em: 20 de outubro de 2016.

SOUSA, P. V.; BRAGA, V. Self, identidade, redes sociais: definições e relações entre a psicologia social e a comunicação em tempos de redes sociotécnicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM

CIBERCULTURA, 7., 2013, Paraná. Anais... Paraná: UTP, 2013. p. 1-15. Disponível em: < [http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo\\_8\\_Imaginario\\_Tecnologico\\_e\\_Subjetividades/25942arq04426928460.pdf](http://www.abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_8_Imaginario_Tecnologico_e_Subjetividades/25942arq04426928460.pdf)>. Acesso em: 23 de outubro de 2016.

WINNICOTT, D.W. A família e o desenvolvimento emocional. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 4ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1971/2005.

WINNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Editora Artmed, 1983/2007.

WINNICOTT, D.W. Os bebês e suas mães. Tradução e Revisão Técnica por Maria Helene Souza Patto. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988/1990.

WINNICOTT, D.W. Natureza Humana. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1988/2006.